



# Um Quarto de Século de Ficção Portuguesa

730

933

S.N.I.  
730

**Portugal de Hoje**



# **Um Quarto de Século de Ficção Portuguesa**



**SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO**

Direcção-Geral de Informação

1972



*«... e o mar, levemente enrugado contra os cachopos da costa, seguia largo e acinzentado ao norte do Canal.»*

VITORINO NEMESIO  
«Mau Tempo no Canal»

**CRONOLOGIA** O ano de 1945, ano em que termina a  
**E LITERATURA** segunda guerra mundial, tem indiscutível  
significação política e nenhuma significação  
artística. Literariamente nada começa e nada remata. Uma  
cronologia, rigidamente adaptada, omitiria autores impor-  
tantes e obras fundamentais, cuja presença é indispen-  
sável em qualquer panorama literário e cuja ausência  
o deturparia gravemente, senão irremediavelmente.

Saiu em 1944 um dos mais notáveis romances da  
literatura portuguesa do século XX: «Mau Tempo no  
Canal», de Vitorino Nemésio. Um ano antes de findar  
a guerra. Que significa um ano? Nada. Quaisquer factos  
que fizessem atrasar a edição do trabalho não alteravam  
o «carácter» da obra, já fixado. Simplesmente, em vez de  
aparecer em 1944, «Mau Tempo no Canal» surgiria em  
1945. Deste modo, a data não conta, a omissão é que  
é grave.

Outras obras capitais teriam de ser excluídas deste  
panorama: «O Barão», de Branquinho da Fonseca (1942);  
«O Príncipe com Orelhas de Burro», de José Régio,  
também de 1942; os dois principais volumes de contos  
de Miguel Torga: «Bichos» (1940) e «Novos Contos da  
Montanha» (1944); finalmente, os primeiros romances do  
neo-realismo português (se não contarmos o antecedente  
de Ferreira de Castro): «Gaibéus» (1940), de Alves Redol;  
«Esteiros» (1941), de Soeiro Pereira Gomes; e «Aldeia  
Nova» (1942), de Manuel da Fonseca.

**A GRANDE NOVELISTICA TRADICIONAL: AQUILINO RIBEIRO, VITORINO NEMÉSIO e TOMÁS DE FIGUEIREDO** No romance português do século XIX é indispensável referir o «Amor de Perdição», de Camilo Castelo Branco, e «Os Maias», de Eça de Queirós. No romance português do século XX forçosamente tem de se salientar «Mau Tempo no Canal» (1944), de Vitorino Nemésio, e «A Casa Grande de Romarigães» (1957), de Aquilino Ribeiro (1885-1963). Há entre estas duas obras afinidades evidentes e diferenças notórias. Aquilino e Nemésio são profundos conhecedores do idioma; ambos são dotados de imaginação sensorial e verbal muito acima do comum. O primeiro, vocabularmente mais rico, de frase mais flexível; mais polida, o segundo.

«A Casa Grande de Romarigães» historia a passagem de sete gerações por um solar minhoto. Sòmente Camilo terá narrado com análoga profundidade a vida da fidalguia provinciana, com seus usos e suas taras. Neste volume se condensam (e por assim dizer se superam) todas as motivações e a maioria dos temas da ficção aquiliniana. O naturalismo de Aquilino não é o naturalismo que Zola praticava no século XIX, fundamentado na fatalidade biológica — ainda que esta seja um dos factores da decadência dos fidalgos de Romarigães; é o naturalismo que integra o drama humano no concerto das forças naturais. A natureza dá a Aquilino o homem total,



*«Mouca de todo, a Joaquina Velha não acompanhava o terço, apenas, de onde em onde, inoportuna, ia rezando alto Avé-Marias, nem que se estivesse já rezando a Ladainha.»*

TOMAS DE FIGUEIREDO

*«Uma Noite na Toca do Lobo»*

tanto na sua dimensão imediata (ou regional), como na sua dimensão perene (ou universal). A Natureza é a Verdade — eis uma epígrafe que convém à ficção de Aquilino: nela estão a Pátria e o Mundo. Assim, em «A Casa Grande de Romarigães», mais profundo e fecundo que o romancista regional, está o que trata vigorosa e dramaticamente temas como a juventude, o envelhecimento e a morte. A passagem do tempo é explorada de forma hábil, nela assentando a arquitectura do romance. O amor carnal — outro grande tema de Aquilino — age nas acções das personagens e governa as «intrigas» do romance. Há ainda a referir a linguagem: cheia de colorida fantasia, variada no vocabulário e na sintaxe — aqui mais ordenada, depurada e clara do que em obras anteriores.

No período em referência, Aquilino publicou muitos romances, contos e novelas, dos quais se salientam: «Lápides Partidas» (1945), «O Arcanjo Negro» (1947), «Cinco Réis de Gente» (1948), «Uma Luz ao Longe» (1949) e «Quando os Lobos Uivam» (1958). Nos contos, os elementos realistas são transfigurados pela riqueza verbal, obtendo-se essa tensão entre a realidade e a poesia que caracteriza o género. Grande metaforista, Aquilino trata, às vezes, todo um conto como uma metáfora. «A Casa Grande de Romarigães» pode considerar-se o último grande romance de tradição camiliana.

De «Mau Tempo no Canal» também poderá dizer-se que é o último grande descendente de «Os Maias», ainda que se não possa falar de influência de Eça, pois o estilo de Nemésio deve mais ao autor de «Amor de Perdição» do que ao romancista de «O Primo Basílio». Todavia, «Mau Tempo no Canal» (como «Os Maias») desenvolve-se segundo uma técnica de aglutinação cénica, como no romance inglês: quer dizer, linhas, planos, virtualidades, cruzando-se repetindo-se, atraindo-se, fundindo-se





*«O mais era paz, a paz espacial dos ermos, a paz imensa, inconsútil desde o princípio do mundo em despeito dos gritos de vida ou de morte dos homens e dos povos, que mal se acendiam se apagavam no próprio fluir do tempo.»*

AQUILINO RIBEIRO  
*«A Casa Grande de Romarigães»*



compõem uma unidade densa e tensa. Algo muito diferente da «composição dramática», de modelo francês (tal «O Primo Basílio») em que se prepara, se precipita, dramaticamente, a acção. O entendimento do romance como «complexidade» semelhante à da vida (Balzac, Tolstoi, Proust) em Portugal apenas é dominado por dois escritores — Eça de Queirós e Vitorino Nemésio.

Em 1949 publica este autor o volume de contos «O Mistério do Paço do Milhafre». É, por um lado, uma rememoração da infância de Nemésio; por outro, uma rememoração do idioma. Conto poético sempre que recorda as suas aventuras de menino («A Lição de Solfa», «O Navio Pirata»). Conto realista noutras narrativas, assim escaldadas: realismo histórico em «Os Malhados»; realismo pitoresco, dialectal, em «Quatro Prisões Debaixo de Armas», cujo protagonista é um «pícaro», como o «Malhadinhas», de Aquilino. Contos de imaginação, pelo humor com que se retomam as velhas histórias e se usa o vernáculo da língua («O Toiro Azul»).

Em 1947, Tomás de Figueiredo publica «A Toca do Lobo». O estilo deste escritor, muito castiço e inventivo, lembra Camilo e Aquilino, não por força de imitação, mas a poder de tradição, já que os três aprenderam nos clássicos.

«A Toca do Lobo» evoca a infância do autor num solar minhoto. A memória de uma infância logo remete a Proust e à poesia do «tempo perdido». Mas divergências muito nítidas separam o autor português do francês. Os «valores» que em «À la Recherche du Temps Perdu» se prezam, são espirituais, em «A Toca do Lobo» afectivos. No mundo deste lírico comovido, de temperamento apaixonado e truculento, há muitíssimo sentimento e pouca metafísica; quem manda é o «coração». Os «valores» que é forçoso resguardar são os valores fidalgos de Portugal fidalgo, ainda sobreviventes em recessos do vale do Douro

ou, no caso, do vale do Vez. Terras de mães santas e devotadas, pais dignos e caçadores, velhas tias amáveis.

Tomás de Figueiredo, que se estreou tarde na ficção, foi todavia um escritor fecundo. Até à sua morte (1970) publicou numerosos volumes de romance, novela e conto: «Nó Cego» (1950); «Uma Noite na Toca do Lobo» (1952); «Procissão de Defuntos» (1954); «A Gata Borracheira» (1962); «Dom Tanas de Barbatanas» (1962); «Vida de Cão» (1963); «Tiros de Espingarda» (1966); «A Outra Cidade», obra póstuma, contém alguns dos melhores contos deste excelente prosador, cujo «realismo ético» era ainda um modo de fidelidade à grande tradição da novelística portuguesa. •

As obras «Mau Tempo no Canal» (Nemésio), «A Casa Grande de Romarigães» (Aquilino), «A Toca do Lobo» (Figueiredo) constituem com «A Sibila», de Agustina Bessa Luís e «Aparição» de Virgílio Ferreira, marcos fundamentais do romance português contemporâneo.

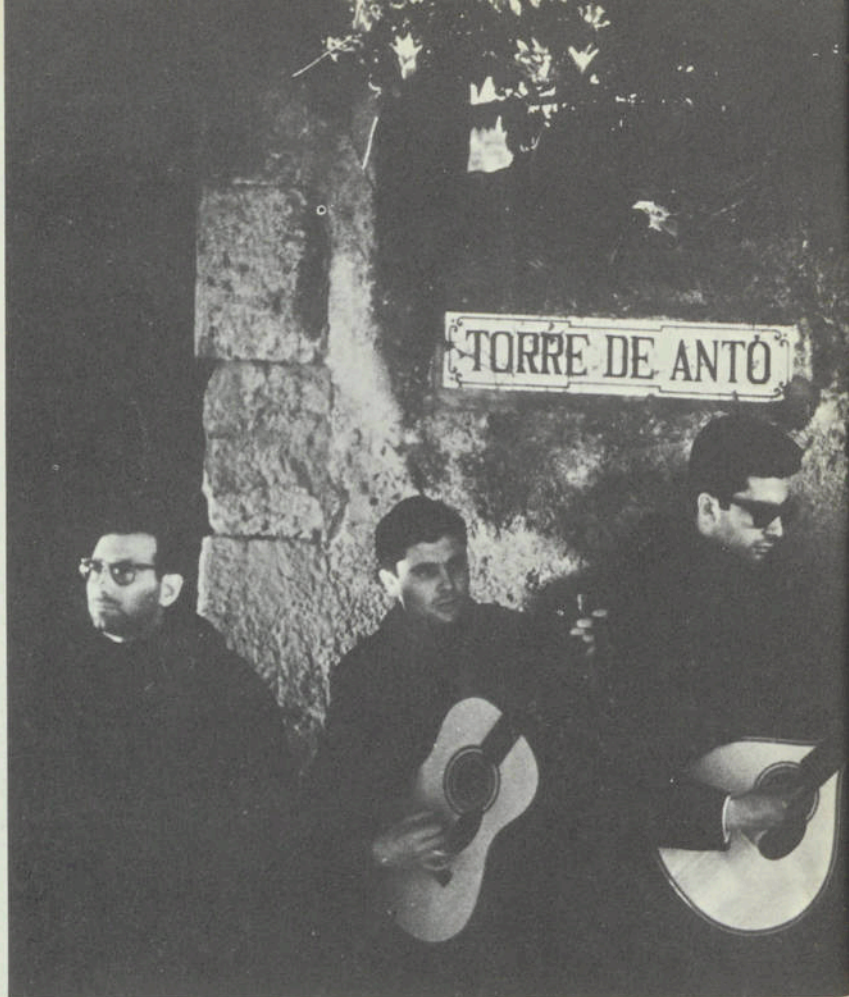
**PRESENÇA DA «PRESENÇA».** Fundada em 1927, a revista coimbrã «Pre-  
**OUTROS** sença» revela poetas, críticos e ficcionis-  
**FICCIONISTAS** tas. Pode dizer-se que os «presencistas»  
foram renovadores em todos os campos  
que trabalharam e mais designadamente  
na história breve ou no conto.

Entre 1927 e 1940 vai esta publicação dar forma a ten-  
dências que circulavam na atmosfera cultural, e que tocam  
escritores estranhos ao grupo. Que inclinações foram  
essas, já que se reflectiram na ficção e profundamente a  
marcaram? Em síntese, foram a renovação modernista, lan-  
çada em 1915 pelo grupo de poetas (alguns deles também  
novelistas) do «Orpheo»; a abertura às correntes literá-  
rias europeias, sobretudo francesas e inglesas, e mais  
especialmente a Proust, Gide e Joyce; o «psicologismo»,  
ou interesse pelo tratamento psicológico de temas e per-  
sonagens; uma revalorização, ainda de feição psicológica,  
de problemas religiosos e metafísicos, patente sobretudo  
em Régio; o interesse pela problemática humana e socio-  
lógica, mas sempre subordinada a um vivo individualismo  
ou a forte subjectivismo; a preocupação do estilo, mais  
flexível em Miguel Torga, mais vernáculo em Branquinho  
da Fonseca; o apego aos temas da infância e da adoles-  
cência, cujo antecedente português se pode encontrar no  
Aquilino Ribeiro da «Via Sinuosa», e nos preâmbulos de  
«Os Pescadores» e das «Memórias», de Raul Brandão;  
finalmente a importância atribuída ao romance, conto e



*«Ao fundo, por entre as flores e a  
verdura, as velhas paredes da casa,  
com as suas janelas de guilhotina  
para o quintal, inspiravam paz e  
aconchego íntimo.»*

JOSE REGIO  
«A Velha Casa»



novela, géneros pouco conceituados pelos movimentos estéticos anteriores, sobretudo empenhados na poesia — casos da «Águia» e do «Orpheo».

Em 1942, três anos antes da data escolhida para iniciar este panorama, Branquinho da Fonseca publica «O Barão», uma das melhores novelas da nossa literatura, e José Régio um romance que, sendo fábula tradicional, vem contudo refrescar o género, «O Príncipe com Orelhas de Burro». Os ficcionistas da «Presença» trabalham activa-



*«Destacavam-se sobre a mancha preta das capas, as guitarras e os violões. O ar da noite estava frio e parecia que a voz do trovador soava cada vez mais nitidamente.»*

BRANQUINHO DA FONSECA

*«A Porta de Minerva»*

mente nas décadas de 40 e de 50, publicando algumas das suas obras capitais. No romance, José Régio sobressai com os cinco volumes de «A Velha Casa», ciclo autobiográfico, onde se cruzam quase todas as motivações

da sua obra de poesia e de teatro: os deslumbramentos da infância, os problemas da adolescência, o mistério metafísico, as opções intelectuais, o gosto da auto-análise, certo narcisismo. De 1946 é o volume de contos «Histórias de Mulheres». Ora foi nos contos que Régio melhor expressou a sua misantropia profunda e quase angélica; estão presentes sempre, em páginas de tendência confessional e mística, os seus dotes de psicólogo.

Em 1945, saiu «Rio Turvo», de Branquinho da Fonseca, um dos fundadores e directores (com José Régio e João Gaspar Simões) da «Presença». Nas suas histórias conjugam-se a descrição rigorosa e sóbria e a sugestão poética aberta sobre o maravilhoso e o fantástico. «Rio Turvo» é um conto do quotidiano e do fantástico, um conto psicológico e um conto de ambientes, um conto emotivo e um conto «mental», e ainda o conto do amor português, que desde Camões a Camilo e desde Bernardim a Némésio é sempre o amor desencontrado. Em 1956 publica a «Bandeira Preta», volumes de contos, mas sujeitos a uma unidade temática — a adolescência — o que dá ao conjunto a variedade e a intensidade de um romance. Também este género tentou Branquinho da Fonseca. No ano de 1947, em «A Porta de Minerva» descreve a vida universitária coimbrã, com a sua boémia e as suas praxes e os problemas da juventude inquieta: no limite de literatura de memórias e da obra de ficção, como ficção se deve tomar, visto que os elementos da realidade valem sobretudo pela transposição imaginativa que deles se faz. «Mar Santo» (1952) vê, como por dentro, a vida dos pescadores de uma vila marítima, cuja identidade o autor nunca revela, mas que se percebe ser a Nazaré.

Miguel Torga, outro presencista, publicou em 1940 «Os Bichos», e em 1944 «Novos Contos da Montanha». Entre 1937 e 1939 saiu «A Criação do Mundo» (três volumes), autobiografia levemente romanceada. «A Vindima»,



romance, é posterior, e de menos valor. Um critério rigidamente cronológico excluiria Torga deste panorama, onde ele é indispensável, tanto mais que os seus livros foram reimpressos em edições melhoradas e, por vezes, profundamente modificadas. Miguel Torga escreveu contos realistas e contos simbólicos, onde sempre o poeta (que também o é em verso) descreve, anima e transfigura, no primeiro caso os homens, no segundo caso os símbolos. Em todos eles o vínculo com a terra — o telúrico, como ele prefere — é sentido profundamente. Do amor natural fala com uma corajosa franqueza, uma rudeza de desafio. É, deste modo, um apologista da vida livre, sem peias para os impulsos vitais, pois no fundo de tudo está a inocência primordial.

João Gaspar Simões impôs-se principalmente como crítico literário. Escreveu, todavia, três romances, «Eloy», «Amigos Sinceros» e «Internato» (de 1946). Influenciado por Freud, Proust e Joyce, este «romance mental» é uma obra vivida — não livresca, sendo considerado o primeiro romance «proustiano» da literatura portuguesa.

Adolfo Casais Monteiro, ainda um presencista, autor de vasta obra poética e crítica, ensaia a ficção na novela «Adolescente» (1945).

Sem filiação na «Presença», mas igualmente preocupados de psicologismo, afirmam-se dois novelistas da geração de Régio e de Torga: Domingos Monteiro e José Rodrigues Miguéis. Data de 1945, uma das melhores colectâneas do primeiro, as «Novelas Castelhanas», onde reafirma as qualidades de efabulação e dramatização de «Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária». Domingos Monteiro escreveu muito desde 1945, sendo raro o ano em que não publicou. Da sua obra mencionam-se ainda os volumes de contos «O Mal e o Bem» (1945), «Contos do Dia e da Noite» (1952), «Histórias deste Mundo e do Outro» (1961) e o romance «O Primeiro Crime de Simão



Bolandas» (1965). Domingos Monteiro não tem uma grande riqueza verbal, compensa-a todavia com um espontâneo poder de comunicação. O seu conto, muito humano, assenta em valores de oralidade. Na temática dominam o amor, o ciúme, a viagem, o sonho, a frustração, a solidão, a morte, a esperança de imortalidade.

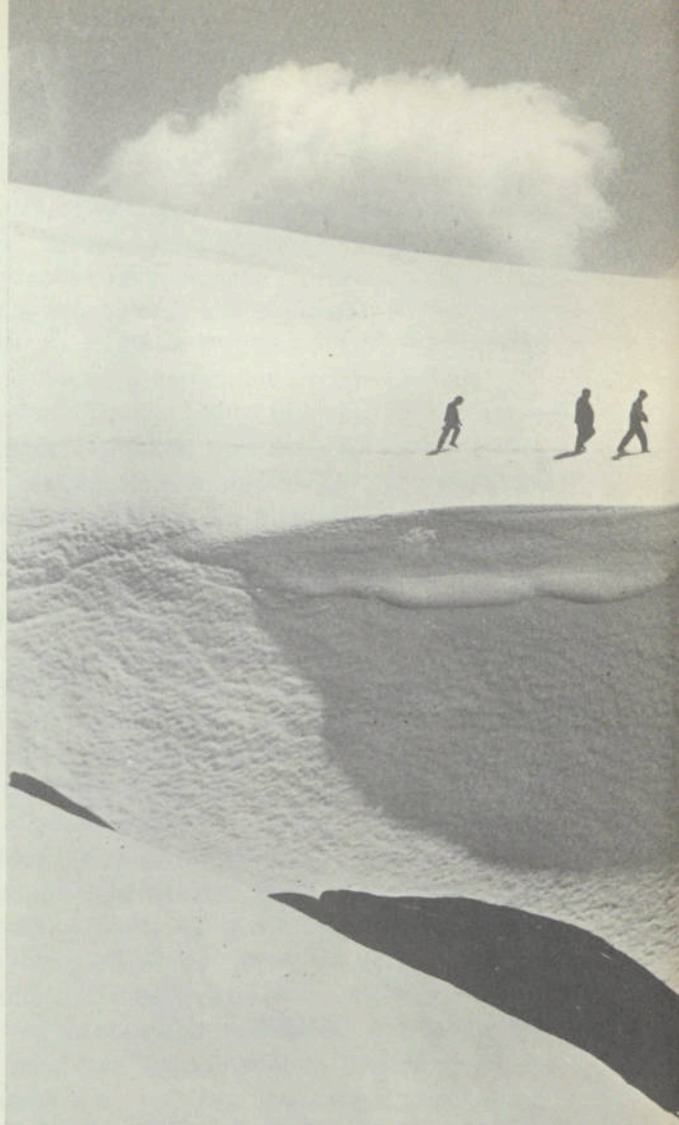
José Rodrigues Miguéis, admirador da ficção russa oitocentista, pesquisa casos obscuros de consciência, seguindo quer Dostoievsky quer Freud. Foi dos escritores que melhor trataram o tema da adolescência. Também é um cronista de ambientes lisboetas, realistas ou poetizados, um inquiridor entre desiludido e confiado no destino humano, um analista e moralista. O conto apresenta traços queirosianos, a par dos dostoiévskianos, mas o que neles domina é o psicologismo. Releve-se: «Saudades para D. Genciana» (1956), «Léah» (1958), «A Escola do Paraíso» (1960), «Nikalai, Nikalai» (1971).

A estes ficcionistas poderão ligar-se José Marmelo e Silva, revelado por «Sedução» (1948), que publicou «O Adolescente Agrilhado» e «O Ser e o Ter» (1968); e ainda Manuel Mendes, Faure da Rosa e Luís Forjaz Trigueiros que se dedicou ao conto (destaque-se «Boa noite Pai» — 1955), mas que enveredou depois para o ensaio e crítica («Perspectivas», 1961, «Novas Perspectivas», 1969, «Ventos e Marés», 1970, e «Monólogo em Éfeso» 1972).

**A CRITICA** Foi vasta a influência de Eça de Queirós  
**DE COSTUMES** na literatura portuguesa, sòmente con-  
trariada por personalidades inovadoras e  
criadoras, como Almada Negreiros (1893-1970), Raul  
Brandão (1867-1930) e, no pós-guerra, com intuítos  
antagónicos, por Aquilino Ribeiro, Tomás de Figueiredo,  
Ferreira de Castro e Agustina Bessa Luís.

O romance de costumes vai reaparecer no fim da  
década de trinta com «Ana Paula», de Joaquim Paço  
d'Arcos (1938). Inicia este romance a «Crónica da Vida  
Lisboeta», comédia humana, à Balzac, adaptada à vida  
portuguesa do meio século XX, a exemplo do que fizera  
Eça nas «Cenas da Vida Romântica», para a sociedade  
oitocentista mas sem semelhança qualitativa. «Tons  
Verdes em Fundo Escuro» (1946), «Espelho de Três  
Faces» (1950) e «A Corça Prisioneira» (1956) debru-  
çam-se sobre a grande burguesia e a alta finança mos-  
trando que a sociedade portuguesa se tinha mudado  
os homens, não pudera corrigir os vícios. Melhor quali-  
dade literária possuem seus contos e novelas: «O Navio  
dos Mortos» (1952), «Carnaval» (1958). Em «Memórias  
duma Nota de Banco» (1962) e «Cela 27», apura a forma  
e ensaia uma ficção já distanciada do pós-queirosianismo,  
mas sem o valor sociológico da «Crónica da Vida Lis-  
boeta».

Mais «sincero» — se assim se pode dizer — é Fran-  
cisco Costa. Desde «A Garça e a Serpente» (1945) que  
ele estuda os costumes, degradantes mas resgatáveis.



*«A neve deformara tudo, covas e relevos,  
pedras e urzes, igualando, em longos tre-  
chos, o que, noutras dias e noutras noites,  
era diferente.»*

FERREIRA DE CASTRO  
*«A Lã e a Neve»*



Romancista católico, o que lhe interessa não é tanto a compendiação dos vícios de uma sociedade corrompida (como faz Paço d'Arcos), mas a face resgatável dessa mesma corrupção, quer dizer, a sua relação com o transcendente. Lembrando na «técnica» o romance queiro-siano, a ficção de Francisco Costa profundamente diverge dela através desta relação crucial, por vezes agónica, do homem com Deus, do pecador com o redentor (trilogia «Em Busca do Amor Perdido», 1953, «Cárcere Invisível», 1950).

Para Manuel de Campos Pereira os costumes são, sobretudo, eróticos. Espontâneo, redigindo com facilidade, não é porém um estilista apurado. Na mesma corrente crítica tradicional, na efabulação e linguagem, podem mencionar-se, entre tantos: Assis Esperança (a tender para o neo-realismo) e Guedes de Amorim.

**O NEO-REALISMO** Os «romancistas de costumes» ocupavam-se sobretudo dos vícios da burguesia, em geral abastada: fidalgos, banqueiros e industriais povoam os romances de Paço d'Arcos ou de Francisco Costa e, também, os de outro escritor, Augusto da Costa, hoje esquecido, mas que entre 1940 e 1950 interessou largo público. Assis Esperança, «Pão Incerto» (1966), e Guedes de Amorim, «A Casa de Judas» (1953) focam a média e a pequena burguesia e o proletariado. São estas classes que exclusivamente interessam o neo-realismo, que melhor se denominaria Realismo Social.

Pretende o crítico francês R. M. Albérès que esta corrente literária apenas frutificou nos «países pobres»: Itália, Espanha, Portugal e América Latina. Efectivamente não os encontramos na França, na Inglaterra e na Alemanha. Os norte-americanos Steinbeck e Caldwell — mestres do neo-realismo português — só se ocupam das zonas pobres que contradiziam o mais elevado nível de vida do mundo e o **American way of life**.

Em Portugal o movimento neo-realista esboça-se entre 1935 e 1940. Vai constituir uma das correntes mais prolíficas da ficção nacional, pretendendo ser um novo realismo, voltado para as realidades sociais, económicas e humanas do povo. Ao escritor neo-realista interessa mais a percussão do escrito no leitor do que o seu valor

pròpriamente estético. O movimento combate sobretudo a «arte pela arte», que a «Presença», em certa medida, praticava. À ficção pura preferem os neo-realistas uma ficção empenhada.

O neo-realismo teve dois centros de irradiação Lisboa e Coimbra. Aqui desenvolveu-se em torno do «Novo Cancioneiro», cujos fundadores, de início, se dedicam mais à poesia e ao conto do que ao romance. Outra revista coimbrã, «Vértice» vem seguidamente dar fundamentos críticos e ensaísticos ao movimento.

Ferreira de Castro não será o fundador, mas é indiscutivelmente o precursor do neo-realismo português. Em 1930, «A Selva», com muitas reedições, abria o caminho do romance populista e do realismo social. Quanto às obras publicadas depois de 1945, «A Lã e a Neve» (1947), «A Curva da Estrada» (1950), «A Missão» (1954), «Instinto Supremo» (1967), na opinião do crítico David Mourão-Ferreira, «não andam longe dos primitivos quadros do neo-realismo». Ferreira de Castro não é um grande escritor verbal como Aquilino Ribeiro, nem um claro estilista, à Torga. Mas preside ao seu romance o que já alguém chamou «uma bela tensão de luta». Os seus livros comoverem, convencem, empolgam. Dos contemporâneos é o escritor mais traduzido.

Na ficção, os principais representantes do neo-realismo são Manuel da Fonseca, Alves Redol, Fernando Namora e Carlos de Oliveira. Não pode contudo esquecer-se Soeiro Pereira Gomes, autor de «Esteiros» (1941), um romance considerado paradigmático da escola, e Afonso Ribeiro, que publicou «Aldeia» (1943), «Povo» (1947) e em 1959 o terceiro e último volume de «Maria».

Alves Redol foi talvez o escritor que com maior rigor aplicou à ficção os princípios teóricos do neo-realismo. Em romances que podem considerar-se documentos de uma época, sistematicamente estudou e criticou social-





*«Façam todas as loucuras já que estão loucos. Caminhem para o abismo já que estão cegos. Mas não nos arrastem para o barranco dos cegos e dos loucos...»*

ALVES REDOL  
*«Barranco de Cegos»*

mente. Alguns, como «Avieiros» (1941), são anteriores a 1945. Depois, publicou romances quase didácticos: «Porto Manso» (1946) e todo o ciclo do «Port. Wine». Finalmente procura novos ambientes, apura o estilo e o tratamento psicológico das personagens em «A Barca de Sete Lemes» (1958), «Uma Fenda na Muralha» (1959) e «O Cavalo Espantado» (1960). O seu melhor livro talvez seja «Barranco de Cegos» (1962), estudo das condições de vida num latifúndio ribatejano.

Manuel da Fonseca, dentro da corrente neo-realista, é dos escritores que possui mais dotes de prosador. Essas qualidades ressaltam mais nos seus contos do que nos romances: «Aldeia Nova» (1944), «Cerro Maior» (1945), «O Fogo e as Cinzas» (1953) e «Seara de Vento» (1958).

Fernando Namora, numa época em que a opção se pôs a quase todos os escritores (e que o ano de 1945 expressivamente baliza), escolheu o neo-realismo. A sua adesão foi das menos sectárias e das mais abertas. «Fogo na Noite Escura» (1943) é considerado um livro-padrão do realismo social e as mesmas qualidades estão presentes no volume de contos «Casa da Malta», aparecido em 1945. Namora é um humanista. A sua obra, ao longo de todos estes anos, tem vindo a ganhar novas dimensões existenciais e estilísticas, destacando-se: «Minas de S. Francisco» (1946), «A Noite e a Madrugada» (1950), «O Homem Disfarçado» (1957), «Cidade Solitária» (contos - 1957), «Domingo à Tarde» (1961), «Um Sino na Montanha» (1968) e «Os Clandestinos» (1972).

Carlos de Oliveira, ao contrário de Namora, escreveu pouca ficção. Documentos sociológicos, os seus romances possuem um estilo fluente e límpido. Distinguem-se as obras: «Pequenos Burgueses» (1948), «Uma Abelha na Chuva» (1953), «O Aprendiz de Feiticeiro» (1971). Salientem-se ainda outros escritores: Manuel do Nas-



*«Dias, semanas, vento, nevoeiro e sol, mondas, sargaços rebentando na terra fresca, ganhões fazendo cálculos de empreitada das ceifas, para amortizar a conta do comerciante, do médico.»*

FERNANDO NAMORA  
*«A Noite e a Madrugada»*



*«Sinto, sinto nas vísceras a aparição fantástica das coisas, das ideias, de mim, e uma palavra que o diga coalha-me logo em pedra.»*

VIRGILIO FERREIRA

«Aparição»

cimento «O Aço Mudou de Têmpera» (1946); Mário Braga «Serranos» (1948) e «Reino Circular» (1969); Garibaldi de Andrade, Rogério de Freitas, Aleixo Ribeiro, Manuel Ferreira, autor de «Voz de Prisão» (1971). E, em certa medida, José Cardoso Pires e Augusto Abelaira, de que adiante se falará.

O neo-realismo foi, cumulativamente, um neo-regionalismo, visto predominarem nele os ambientes rurais. E por essa via se integra na moderna ficção portuguesa que, quase toda, desde Aquilino a Nemésio, desde Miguel Torga a Branquinho da Fonseca, se cinge à província — em certos casos superada pela sensibilidade poética, como sucede nos contos beirões de Branquinho da Fonseca, trasmontanos de Miguel Torga e açorianos de Vitorino Nemésio. Inteiramente vinculado ao seu Douro natal mantém-se João de Araújo Correia, um dotado contista e prosador: «Contos Durienses» (1941), «Folhas de Xisto» (1959). Outro regionalista de mérito Joaquim Lagoeiro: «Mosca na Vidraça» (1959), «Santos Pecadores» (1965), «Madre Antiga» (1968), sendo de assinalar o seu domínio da linguagem rural.

**A GERAÇÃO DE 50.** Para facilitar a classificação adotou-se o título — a geração de 50 —, mas ele não pressupõe unanimidade, antes diversidade de tendências. Nos anos cinquenta, com efeito, revelam-se ou confirmam-se ficcionistas como Virgílio Ferreira, Agustina Bessa Luís, Urbano Tavares Rodrigues, Fernanda Botelho e José Cardoso Pires. A actividade literária da mulher no domínio da ficção, porque tem muito interesse, será apresentada em rubrica própria.

Virgílio Ferreira está ligado ao neo-realismo pelos seus primeiros romances, entre os quais «Vagão J» (1946). Depois procurou dar fundamento e densidade filosófica à constante social da sua obra, preocupado — talvez com a influência de Malraux, Sartre e Camus — da condição humana, da morte e do destino. Publicou então «Face Sangrenta» (1949), «Mudança» (1950) e «Manhã Submersa» (1955). A sua obra mais apreciada e galardoada é «Aparição» (1959). A inquietação espiritual e estética caracteriza Virgílio Ferreira, que da literatura social passou à filosofante, e finalmente à experimental, patente sobretudo em «Nítido Nulo» (1971).

Uma tendência de intervenção na vida que os homens vivem, de raiz existencialista, marcada por um erotismo feroso, e por uma prosa opulenta e matizada, que radica em Teixeira Gomes, caracteriza Urbano Tavares Rodrigues, escritor a quem se devem, entre outras obras, os romances «Bastardos do Sol» (1959), «Os Insubmissos»



*«As gaivotas volteiam, afastam-se, regressam, descrevem círculos apertados...»*

DAVID MOURAO-FERREIRA

*«Gaivotas em Terra»*

(1961), «Horas Perdidas» (1969) e os livros de contos «A Noite Roxa» (1956), «Nus e Suplicantes» (1960) e «Contos de Solidão» (1970).

Na mesma linha existencial e erótica está David Mourão-Ferreira, poeta e crítico dos melhores da sua geração. As histórias de «Gaivotas em Terra» (1960), em que domina o «flash-back» e as categorias do tempo convencional são destruídas, revelam um grande engenho de técnica e astúcia no estilo.

José Cardoso Pires situa-se mais próximo do neo-realismo que do existencialismo. Romancista e contista, autor de «O Anjo Ancorado» (1958), «Jogos de Azar» e «O Hóspede de Job» (ambos de 1963) tornou-se um dos mais divulgados escritores portugueses com a publicação de «O Delfim» (1968) obra premiada, que conta várias edições e traduções.

Augusto Abelaira, pela exploração do tema da frustração, aproxima-se do existencialismo, e noutros aspectos conserva-se próximo do neo-realismo («A Cidade das Flores» (1959), «Os Desertores» (1960), «As Boas Intenções» (1963), «Bolor» (1968). Luís de Sttau Monteiro em «Angústia para o Jantar» (1961), jocosa e dramaticamente denuncia preconceitos e hipocrisias. Rúben A., romancista e contista, é o criador de uma linguagem nova, que chega a parecer um anti-estilo, e cuja sapidez deve tanto ao uso humorístico do calão como ao manejo do idioma castiço e à invenção neologística. Em «Torre de Barbela» faz uma evocação fantasista, onírica da história secular de um solar minhoto, através do convívio dos seus espectros que nele voltam a encarnar todas as noites.

À literatura filosofante, mais ou menos tocada de existencialismo, ligam-se ainda Afonso Botelho (novela «O Toiro Celeste Passou» 1966), António Quadros (volumes de contos «Anjo Branco, Anjo Negro» - 1960 e



«Histórias do Tempo de Deus» - 1966) e Alberto Ferreira que em 1964 publicou «Diário de Édipo», misto de ficção e de ensaio. Jorge de Sena, poeta consagrado e intelectual culto, nos contos «Andanças do Demónio» (1960) e «Novas Andanças do Demónio» (1966) serve-se de uma narração ainda tradicional, mas que já se contesta no tratamento da intriga e na sugestão do espaço novelístico.

Em fins da década de 50, começos da década de 60, o romance tradicional começa a ser atacado, sobretudo em França, por escritores como Alain Robbe-Grillet, Michel Butor, Claude Simon e Nathalie Sarraute, continuadores do «trabalho de sapa» empreendido contra a ficção clássica pelos génios que foram Proust, Joyce, Kafka e Faulkner. Não é somente a intriga, é também a personagem que são revistos, profundamente modificados, por vezes neutralizados ou estilizados.

Várias tentativas relacionadas com este novo romance foram feitas por Alfredo Margarido («No Fundo desse Canal» - 1961) e Artur Portela Filho («Avenida de Roma» - 1961, «Rama Verdadeiramente» - 1963). Em textos que continuam a irónica crónica de costumes revelou o último o seu talento estilístico e humorístico («O Novo Conde de Abranhos» 1971). Podem incluir-se na mesma tentativa inovadora o «Rumor Branco» (1962), de Almeida Faria; «Os Mastins» (1971), de Álvaro Guerra, e também «Não há Morte nem Princípio» (1971), de Mário Dionísio, um escritor vindo do neo-realismo. O poeta Herberto Helder, nos contos de «Os Passos em Volta» (1963), exprime-se através de um realismo que combina o experimental e o patético. «A Viagem» (1971), de João Palma-Ferreira, é uma das mais conseguidas tentativas de ficção nova, quer pela segurança técnica, quer pelo estilo.

## A MULHER NA FICÇÃO PORTUGUESA

Fenómeno importantíssimo da literatura portuguesa do século XX é o aparecimento no campo literário — romance, conto e novela — de escritoras que se impõem pela quantidade e qualidade. A mulher, emancipada da subserviência económica que a tornava dependente do homem, vai afirmar-se. Tudo começa na década de vinte. A mulher depois de ter fabricado munições na retaguarda e conduzido ambulâncias na frente, corta os cabelos, proclama o direito ao seu corpo, penetra largamente nas Universidades, e ao lado do homem trabalha ou com o trabalho do homem concorre. Numerosas poetisas e escritoras se revelam. A segunda guerra mundial acelerou este irromper da mulher pela vida e pela arte. Naturalmente que a literatura de origem feminina ia acusar as suas frustrações e a subalternidade a que a mulher fora votada. Daí certa «negatividade» — positiva negativa — na ficção feminina portuguesa cujos temas principais são os da emancipação e dos desaires num mundo que, apesar de tudo, os homens ainda regem.

Significativamente é uma das poetisas reveladas nos anos vinte, Fernanda de Castro (1900) que, nos últimos anos da década de 40, publica o romance poético, que foi premiado, «Maria da Lua» (1945). Também uma das mais activas escritoras-feministas, Maria Archer, preocupada com o destino da mulher, escolhe para os seus romances



«Na floresta moram as sombras,  
os medos, a África misteriosa e  
enfiteicada de todas as histórias.»

MARIA DA GRACA FREIRE  
«Primeira Viagem»

titulos elucidativos: «Ela é Apenas Mulher . . .» e «Havia de Haver uma Lei» (1949). Significativamente, para ser lida na época em que as mulheres «não deviam escrever», adopta Irene Lisboa (1892-1958) o pseudónimo de João Falco, sob o qual escreveu, entre outras obras, «Solidão» (1939). Depois, já sem pseudónimo, publicou «Sorte» (1948) e «Raiz Funda» (1951), tendo vasta obra poética. Irene Lisboa não foi em rigor uma ficcionista, mas certas descrições em «Esta Cidade» (1942), «O Pouco e o Muito» (1956) e «Titulo Qualquer Serve» (1958) podem, no dizer de Óscar Lopes, ser lidos «como excelentes novelas e muitos dos outros passos como contos».

Agustina Bessa Luís trouxe depois à ficção portuguesa uma prosa de riqueza excepcional, que a coloca entre os grandes criadores de idioma, a par de dotes de observação psicológica, entre nós também invulgares, e de uma liberdade formal com que rompe os quadros clássicos do romance. Essa liberdade assenta numa concepção do tempo romanesco, que Agustina também revoluciona. «A Sibila» (1954) ou «Os Incuráveis» (1956) são o desenrolar de uma continuidade interior, qualitativa, onde os destinos das personagens se entrecruzam, ao mesmo tempo solidários e isolados. Simultaneamente se mostra esta escritora sensível a todas as vozes enigmáticas e a todos os silêncios que estão para lá das aparências. Além das obras referidas escreveu outras como: «A Muralha» (1957), «O Sermão do Fogo» (1963), a trilogia «As Relações Humanas» (1964-1966). No conto, sujeito a leis de rigorosa coerência temporal, dá ao leitor a ideia de uma autora mais disciplinada e tradicional. Citem-se: os «Contos Impopulares» (1951-1953), «A Brusca» (1971).

A arquitectura dos romances de Fernanda Botelho é rigorosa, servida por um estilo muito subtil. Os seus romances: «Ângulo Raso» (1957), «Calendário Privado»

(1958), «A Gata e a Fábula» (1960) e «Lourenço é nome de Jogral» (1970) reflectem o clima existencial da sua geração. Em «Xerazade e os Outros» (1964) renovou os temas, sempre com o mesmo virtuosismo técnico e estilístico.

Graça Pina de Moraes apresenta personagens de complexa, senão estranha psicologia, evoluindo em ambientes provincianos, também estranhos, onde perpassa como que um ancestral sopro visionário: «A Origem» (1958), «Na Luz do Fim» (1961), e a obra galardoada «Jerônimo e Eulália» (1969).

Maria Judite de Carvalho revelou-se uma das melhores contistas da sua geração. Trata os casos mais prosaicos um pouco à maneira da Katherine Mansfield, desnudando-os metódicamente e poetizando-os quase inefavelmente. Refiram-se em especial «Tanta Gente, Mariana» (1955), «As Palavras Poupadas» (1961), «Flores ao Telefone» (1968), «Os Idólatras» (1969).

Numerosas ficcionistas ocupam-se da alma e do destino feminino no mundo moderno. Lembremos o humanismo de Maria da Graça Freire, autora de «Joana Moledo» (1949), «A Primeira Viagem» (1945), e da obra premiada «O Inferno está mais perto» (1970); a sensibilidade magoada de Patrícia Joyce «O Pecado Invisível» (1955), a veemência confessional de Judite Navarro («Esta é a minha História» - 1946 e «Os Dias Selvagens» - 1964). A posição da mulher moderna face ao amor é considerada de um ponto de vista introspectivo e patético por Natália Nunes em «Autobiografia de uma Mulher Romântica» (1966), que é também autora de trabalhos como «Assembleia de Mulheres» (1964).

Ester de Lemos, em «Rapariga» (1950), romance de construção tradicional, apresenta um testemunho da adolescência feminina, e em «Companheiros» (1962), romance de técnica contrapontística, a lembrar Faulkner, um estudo





*«O homem busca, antes de tudo, a confirmação da sua realidade; procura através das coisas, das pessoas, da paisagem, da acção e das ideias uma relação comum que lhe descubra a confiança no seu próprio ser.»*

AGUSTINA BESSA LUIS

*«O Sermão do Fogo»*

sobre a juventude universitária e seus problemas. Natália Correia em «A Madona» (1968), romance barroco, trata o destino da mulher, mas num espaço oscilante e contrastante, onde se embrenham a psicologia, o símbolo e o mito. Uma referência ainda à presença humana e lírica de Raquel Bastos, autora de «Largo de D. Tristão»; de Isabel da Nóbrega, que foca um meio abastado e frívolo no romance «Viver com os Outros» (1964) e, posteriormente, escreveu «O Cântico dos Cânticos» (1966). Duas consagradas poetisas tentaram, com êxito, a ficção: Natércia Freire, em «A Alma da Velha Casa» (1945) e «Infância de que Nasci» (1955), e Sophia de Mello-Breyner Andresen em «Contos Exemplares» (1962).

Teresa Horta («Ambas as Mãos Sobre o Corpo» - 1970), Maria Velho da Costa («Maina Mendes» - 1969) e Isabel Barreno («De Noite as Árvores são Negras» - 1968) também ensaiam a novelística experimental.





Composto e impresso nas  
oficinas gráficas da S. E. I. T.  
lisboa — Novembro de 1972



NB



\*EFG0000515066\*

S.N